

EU PERDI UM MICROFONE

Wellington Amancio Da Silva²⁰⁹

RESUMO: Este escrito, *mezzo* prosa *mezzo* verso, consta no livro ainda inédito, “Os interlúdios de Epipical” (Ed. Parresia, 2019). Apresenta uma urbanidade interiorana entremeada de pequeno conflito social típico da fauna boêmia, musical e etflica do lugar. O formado prosa abre-se ao verso e à certa rima, num hibridismo típico do *underground* literário alagoano.

Das cercanias, germinou um músico iniciante e de denotada criatividade, e compunha uns sons! Possuía apenas um violão meio surrado, um Di Giorgio 1975, que para além do “apenas” era um “tão-demais” na mãos de um artista. Não inspirava comiseração, contudo orgulho riponga em manto de bicho-grilo. De imediato, apresentou-me seu trabalho. Ouvei sua música com a mão no queixo — MPB ao estilo João Gilberto — “Parabéns”, eu disse. Voz grave e reverberante, e cabelo desgrenhado, e uma lâmpada antiga no cerne do olhar. No repertório, havia uma canção destoante, pensei. Música de protesto, música circular, de frases panfletárias, conjugação verbal incomum, temática punk-oitentista e “tacava pedras” nos políticos corruptos, muito bem.

Chegou-se como amigo, muito respeitosamente escuta-dor, aquiescências, tapinha no ombro, *et cetera*. Solicitava minha pobre opinião, e a cada vez que gravava alguma coisa e enviava-me (mas sem nunca opinar sobre as minhas herméticas gravações) perguntava-me se gostei da linha de baixo ou da percussão, ou se ainda cabia uma “levada de *reggae* nesse negócio”. Perguntou-me se eu possuía um microfone para emprestá-lo. Eu disse que sim, um Condensador muito bom, um Audio-Technica. Como era artista de “boa tonalidade” pensei estar lidando com um humanista, ou um supra-humanista, um cara honesto, justo, parceiro, mesmo que depois alguém avisasse-me que ele gostasse de “alugar” no palco os instrumentos e os equipamento de outrem, sem contribuir nunca com alguma ou qualquer coisa, assim, ao tipo de um “mosquito-que-zune”, em dó suspenso, ou fá menor.

²⁰⁹ Mestre em Ecologia humana e gestão socioambiental pela Universidade do Estado da Bahia. Professor Auxiliar da Universidade Federal de Alagoas - Brasil. E-mail: wellington.silva@cedu.ufal.br

Emprestei-lhe o microfone, embora minha intuição dissesse que era aí que morava o perigo, e foi assim, penso. Após, sobre nós dois acampou um silêncio. Por um momento nos esquecemos, porque as músicas pararam de chegar. Lembrei-me do microfone! Meses depois pedi algumas vezes que devolvesse-o, pois iria gravar algo, em nosso *home studio*. Entretanto, a cada vez que pedia-lhe, parecia dar-me respostas mais nubladas, desconexas, tautológicas, entre hiatos cada vez mais alongados e angustiantes. Quando raramente o via entre as gentes, e cumprimentava a todos, e a ele, sim, com aquela efusiva missiva de sempre (missiva maquiada ou em máscara de plástico), ele virava a cabeça desconfiadíssimo, desconcertado, pálido, e era-me visível que aquela situação o castigava, via no rosto dele a minha presença daninha. Então por que não devolver o microfone e caso encerrado?

Hoje, quando o vejo sem que me perceba sinto vergonha. Não dele, mas da situação — passo ao largo, ao pé da sombra, no outro lado da rua. Às vezes penso: “será que fez isso comigo porque se achava-se superior aos demais humanos, ou que o mundo deve-lhe por sua arte, ou ainda porque é artista e se reconhece como um ser para além da moral puritana? Ao violão eu penso...

Será que ele me achava rico, (♪♪)
porque de ouro tenho um penico,
porque ando com o nobre Tónico,
porque sou meio pudico,
porque nunca dei o furico,
porque não gosto de futrico?
Será? Será? (♪♪)
Será que me acha idiota,
Será que soube que fui agiota,
Que meu mundinho é uma ilhota,
Que quando escrevo perco a rota,
E não me junto com patota,
Que sou demasiado patriota,
Que lasquei-me todo em cambalhotas,
E que meu soldo é uma anedota?

Vai saber, meu irmão... (2x em uníssono).

Hoje passa por mim como quem passa por um fantasma/

Mestre de fingir que não existo/ tal indiferença inda me pasma/

Ignoro, vou passando/ não o vejo, não sou visto/

Já não és amigo, e de longe não benquisto/

Sigo do outro lado, como posso, mais distante/

Eu também o vejo como um ser de ectoplasma/

Os nossos caminhos são buracos discordantes/

Mas estou em paz/meu orgulho é cataplasma.

...Não. Não sou carente de atenção. Eu não sou carente ao ponto de precisar do sorriso plástico ou de saudações ocas de isopor (isto porque em casa ainda temos pão, água, livros e Rivotril).

Sim, sim... — eu citei o nome de alguém? Não, porque não.

BIOGRAFIA DO AUTOR

José Amâncio é nordestino de Karamaron (pseudônimo de Wellington Amancio da Silva) nasceu em 1979, no sertão de Alagoas (à moda da caatinga). Formou-se em Pedagogia em Filosofia. Mestre em Ecologia Humana. Atuou como professor universitário. É fotógrafo, artista visual e performático, multi-instrumentista e arranjador schoenbergeriano. Em 1997 inicia projeto literário: escreve alguns versos, contos e outros textos; conclui alguns livros, mas não consegue publicá-los e se detém, por quase duas décadas, em revisões. Está sempre preocupado com a escrita na condição de lida que perfaz a si mesmo e ao mundo derredor. A partir de 2014 são publicados alguns dos seus poemas em revistas literárias especializadas: Revell — Revista de Estudos Literários da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Germina — Revista de Literatura e Arte, Revista Educação — Ung-Ser, Revista Literária Sítio (Portugal), Gazeta da Poesia Inédita (Portugal), *Tyrannus Melancholicus*, *Ruído Manifesto*, *Literatura e Fechadura*, *Medium*. Entre 2016 e 2018, a revista italiana Utsanga publica uma série de poesias visuais, concretas, assêmicas, e ainda desenhos em técnica mista e escrituras diversas. Do autor, publicou-se, “Ontologia e Linguagem” (filosofia analítica); “Pensar a Indigência com Michel Foucault”

(filosofia); “O Quasi-Haikai” (versos); “Epifania Amarela” (versos); “Ulisses e o Timoneiro” (versos); “Distímicos e Extrusivos” (versos); “Diálogos com Sebastos” (teatro); “Os Caatingueiros” (romance); O Reneval (versos), além de dezenas de artigos científicos em revistas especializadas. Fundador da editora Edições Parresia e da revista “O Pardal”. Seu livro “Tropicarma e Lamparina (Fotografia e textos) será lançado em Portugal, pela Editora Palimage.

BIBLIOGRAFIA LITERÁRIA

1. *Elegia da Imperfeição* (versos). Delmiro Gouveia-AL. Edições Parresia, 2001.
2. *Primeiros poemas soturnos* (versos). Delmiro Gouveia-AL. Edições Parresia, 2009.
3. *Ulisses e o Timoneiro* (versos). Delmiro Gouveia-AL. Edições Parresia, 2014.
4. *Diálogos com Sebastos* (prosa socrática). Delmiro Gouveia-AL. Edições Parresia, 2015.
5. *O Epifania Amarela* (versos). Delmiro Gouveia-AL. Edições Parresia, 2016.
6. *Quasi-Haikai* (haicais e versos). Delmiro Gouveia-AL. Edições Parresia, 2017.
7. *O Reneval* (versos). Delmiro Gouveia-AL. Edições Parresia, 2018.
8. *Distímicos e Extrusivos* (verso e prosa). 2ª edição. Delmiro Gouveia-AL. Edições Parresia, 2018.
9. *Narrativas do Abajur* (contos). Delmiro Gouveia-AL. Edições Parresia, 2018.
10. *O Preço do Pai* (romance). Delmiro Gouveia-AL. Edições Parresia, 2019.
11. “*Os Caatingueiros*” (romance). Delmiro Gouveia-AL. Edições Parresia, 2019.

Recebido em 15/03/2019.

Aceito em 16/04/2019.